

OS BENEFÍCIOS DA AQUISIÇÃO DE LEITURA E ESCRITA NA IDADE CERTA: UM CAMINHO PARA O DESENVOLVIMENTO TOTAL DA CRIANÇA



THE BENEFITS OF ACQUIRING READING AND WRITING SKILLS AT THE RIGHT AGE: A PATH TO THE CHILD'S TOTAL DEVELOPMENT

LUCIMAR DOS SANTOS VALENTE

Graduada em pedagogia pela Faculdade UniAbc em 2011, Especialista em Educação Infantil pela Faculdade Unina em 2022, Professora de Educação Infantil

RESUMO

A aquisição das habilidades de leitura e escrita na fase apropriada é um dos principais focos da educação fundamental, pois serve como alicerce para o crescimento completo da criança e para a construção de conhecimentos ao longo de sua vida. Este artigo visa explorar as vantagens da alfabetização na fase correta, ressaltando seu impacto no desenvolvimento cognitivo, social, emocional e linguístico dos alunos. Trata-se de um estudo baseado em obras de autores como Paulo Freire, Magda Soares, Emília Ferreiro, Ana Teberosky, Lev Vygotsky e Jean Piaget, e neurocientistas que tratam sobre o assunto, bem como em documentos oficiais, como a Base Nacional Comum Curricular e o Compromisso Nacional Criança Alfabetizada. Os achados mostram que a alfabetização realizada no momento certo promove a compreensão de textos, o aprimoramento da escrita, o raciocínio lógico, a autonomia intelectual, as habilidades de comunicação e a participação ativa das crianças em diversos contextos sociais. Além disso, observa-se que a alfabetização alinhada ao letramento expande as oportunidades de aprendizagens significativas e auxilia na diminuição das desigualdades na educação. A relevância da formação contínua dos educadores, da implementação de metodologias baseadas em evidências científicas e da supervisão pedagógica regular é ainda destacada para assegurar que todas as crianças possam exercer seu direito ao aprendizado.

Palavras-chave: Alfabetização; Leitura e Escrita; Desenvolvimento integral; Letramento; Alfabetização na idade certa.

ABSTRACT

Acquiring reading and writing skills at the appropriate stage is a primary focus of elementary education, as it serves as a foundation for a child's holistic growth and lifelong knowledge building. This article aims to explore the benefits of literacy acquisition at the right stage, highlighting its impact on students' cognitive, social, emotional, and linguistic development. The study draws upon the works of authors such as Paulo Freire, Magda Soares, Emília Ferreiro, Ana Teberosky, Lev Vygotsky, and Jean Piaget, as well as neuroscientists addressing the subject, and official documents like the National Common Curricular Base (BNCC) and the National Commitment to Child Literacy (*Compromisso Nacional Criança Alfabetizada*). Findings indicate that literacy acquisition at the right time fosters text comprehension, improved writing, logical reasoning, intellectual autonomy, communication skills, and children's active participation in various social contexts. Furthermore, it is observed that literacy instruction aligned with broader literacy practices (*letramento*) expands opportunities for meaningful learning and helps reduce educational inequalities. The study also highlights the importance of continuous teacher training, the implementation of evidence-based methodologies, and regular pedagogical supervision to ensure that all children can exercise their right to learning.

Keywords: Literacy; Reading and Writing; Holistic development; Literacy practices (*letramento*); Literacy at the right age.

INTRODUÇÃO

A alfabetização é um direito fundamental assegurado pela Constituição Federal de 1988 e pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9.394/1996).

Desse modo é considerada um dos momentos cruciais na trajetória educacional, pois é nesse estágio que a criança adquire habilidades fundamentais para ler, compreender e criar diversos tipos de conhecimentos, permitindo sua participação ativa na vida social.

No Brasil, a ideia de alfabetizar na idade apropriada que foi movimentada pelo Projeto de Lei nº 4937, de 2024, e ganhou relevância através de iniciativas governamentais que visam assegurar que todas as crianças estejam alfabetizadas ao final do segundo ano do Ensino Fundamental.

Entretanto, mesmo com os progressos nas políticas públicas relacionadas à alfabetização, muitos alunos chegam aos anos finais do Ensino Fundamental enfrentando desafios consideráveis em leitura e escrita.

Essa temática ganhou mais ênfase, por ser na infância que o cérebro humano é mais maleável a

novos conhecimentos, o que indica que absorve conhecimento e se desenvolve de maneira significativa com o uso de elementos mais simples, através das vivências, do convívio social e das influências proporcionadas pelos familiares e pela comunidade escolar. Nesse sentido vale salientar que o papel da família na alfabetização escolar é fundamental para o êxito acadêmico das crianças. Pesquisas indicam que a participação dos responsáveis não só apoia o conhecimento aprendido na escola, mas também ajuda a construir uma base consistente para o crescimento emocional, afetivo e cognitivo dos estudantes. Trazendo essa perspectiva a luz de estudos sobre o assunto, se torna necessário afirmar que quando a criança é ensinada a ler no tempo certo, normalmente até o fim do segundo ano do Ensino Fundamental, ela tira proveito desse momento de grande estruturação cerebral, aprimorando de forma mais eficaz capacidades como a consciência fonológica, a linguagem falada, a memória, a concentração e a compreensão de textos. Pesquisas indicam que crianças que se tornam alfabetizadas no prazo adequado têm desempenho acadêmico superior, aumento da autoestima, melhores habilidades para desenvolver um pensamento crítico e menores taxas de evasão escolar. Portanto, investir na alfabetização equivale a investir na qualidade do ensino e no progresso de escolarização do estudante.

Contudo, esse objetivo muitas vezes é prejudicado pela falta de um planejamento educacional adequado, pela ausência de desenvolvimento profissional contínuo para os professores, outor fato importante a ser citado são as frequentes alterações nas pesquisas sobre alfabetização, nas orientações curriculares e nas demandas dos alunos, pontos de extrema atenção que requerem uma atualização constante dos educadores.

De acordo com António Nóvoa (1992), a preparação dos educadores não deve ser limitada ao início da trajetória profissional, mas deve ser contínua ao longo de toda a carreira, levando em conta os desafios diários nas instituições de ensino. Sendo assim, quando essa capacitação não acontecendo de forma sistemática, os professores acabam por repetir métodos tradicionais, que frequentemente se mostram ineficazes diante da diversidade que caracteriza as salas de aula, outro fator relevante são as disparidades socioeconômicas e fraqueza na conexão entre a escola e a família, estes elementos tornam desafiadora a criação de métodos de alfabetização que sejam propositais, adequados ao contexto e relevantes para um desenvolvimento efetivamente satisfatório.

Por esse motivo, podemos afirmar que a alfabetização abrange muito mais do que apenas a aprendizagem das letras e sons. Inclui o fortalecimento de habilidades em leitura, escrita, compreensão, interpretação e a aplicação social da linguagem.

Com essa perspectiva, Magda Soares (2004) ressalta que alfabetizar vai além de apenas ensinar a codificar e decodificar a língua escrita; é também incentivar o letramento, permitindo que as pessoas utilizem a leitura e a escrita em práticas sociais relevantes.

Assim, a alfabetização na idade certa não só contribui para o domínio técnico da escrita, mas também para a inserção efetiva da criança em uma sociedade que depende cada vez mais das habilidades de leitura e escrita.

Outras contribuições relevantes sobre o assunto são os estudos de Ferreiro e Teberosky (1999),

que afirmam que a criança começa a formular hipóteses sobre a escrita desde muito jovem, sendo crucial que a escola proporcione experiências significativas que suportem esse desenvolvimento.

Tendo base nesses pensamentos, as autoras reiteram a importância de ver a alfabetização como um processo de construção, onde a criança cria hipóteses sobre a escrita e vai, gradualmente, ampliando seu conhecimento através das interações com o seu ambiente. Esse entendimento ressalta a necessidade de metodologias pedagógicas que respeitem os diferentes ritmos de aprendizado, valorizando as experiências e os saberes prévios dos alunos.

Da mesma forma, Vygotsky (1998) destaca que a aprendizagem ocorre por meio de interações sociais e da mediação promovida por indivíduos mais experientes. Nesse sentido, a função do professor como facilitador torna-se fundamental para criar situações de aprendizagem que estimulem o desenvolvimento das habilidades cognitivas e linguísticas das crianças.

Ademais, Paulo Freire (1989) vê a alfabetização como um meio de emancipação e transformação social. Para ele, aprender a ler e escrever envolve também a capacidade de interpretar a realidade e agir criticamente em relação a ela. Portanto, assegurar a alfabetização na idade certa não é apenas cumprir um objetivo educacional, mas também promover a cidadania, a inclusão social e a democratização do acesso ao conhecimento.

A RELEVÂNCIA DA AÇÃO ANTECIPADA NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM DA LEITURA E ESCRITA

A intervenção inicial é uma abordagem crucial para assegurar que a alfabetização ocorra no momento adequado, pois ela permite reconhecer e tratar rapidamente as dificuldades de aprendizado antes que se tornem permanentes e prejudiciais ao trajeto escolar da criança. Em termos educacionais, a intervenção inicial abrange um conjunto de ações de ensino estruturadas, baseadas em diagnósticos e implementadas de maneira contínua, tendo como meta incentivar o avanço das habilidades necessárias para o efetivo aprendizado da leitura e da escrita.

Detectar precocemente as dificuldades de aprendizagem possibilita que o educador elabore métodos de ensino que atendam às necessidades específicas de cada aluno, prevenindo que pequenas lacunas se transformem em problemas duradouros. Exames diagnósticos feitos desde o início do processo de alfabetização permitem monitorar o desenvolvimento da consciência fonológica, do reconhecimento de letras, da relação entre grafemas e fonemas, da fluência na leitura e da escrita, apoiando intervenções personalizadas e planejadas. Sob a ótica pedagógica, a intervenção precoce deve ser vista não apenas como uma ação voltada para alunos que enfrentam dificuldades severas, mas como um princípio fundamental no processo educativo. Isso requer o uso de abordagens variadas, atividades lúdicas, leitura em conjunto, jogos de linguagem, elaboração de textos, investigação de vários gêneros textuais e acompanhamento contínuo do progresso das aprendizagens. Essas táticas apoiam o processo de alfabetização ao reconhecer os diferentes ritmos de aprendizagem e proporcionar experiências significativas para todas as crianças.

Além das atividades realizadas em sala, a intervenção precoce demanda uma colaboração efetiva entre a escola, a família e, quando necessário, especialistas de diversas áreas, como psicopedagogos, fonoaudiólogos e psicólogos. Essa colaboração aumenta as oportunidades para monitorar a criança, permitindo intervenções mais abrangentes e ajudando a superar as dificuldades identificadas. A participação da família, especialmente através do estímulo à leitura, do acompanhamento das atividades escolares e da criação de um ambiente que favoreça a alfabetização em casa, fortalece o processo de aprendizagem e amplifica os efeitos das ações realizadas pela escola.

A literatura na área educacional aponta que intervenções precoces diminuem de forma significativa as taxas de reprovação, evasão escolar e descompasso entre idade e ano escolar. De acordo com Cosenza e Guerra (2011), quanto mais cedo às dificuldades são reconhecidas e tratadas por meio de práticas pedagógicas baseadas em evidências científicas, maiores são as chances de alcançar avanços no desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita. De maneira similar, Soares (2020) enfatiza que a alfabetização deve ocorrer em harmonia com o letramento, proporcionando às crianças a oportunidade de entender como o sistema de escrita funciona enquanto participam de atividades sociais relevantes de leitura e produção textual.

A ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO NOS PRIMEIROS ANOS ESCOLARES

A alfabetização e o letramento constituem processos diferentes, mas que se complementam e são inseparáveis no processo de aprendizagem infantil. A alfabetização diz respeito à compreensão do sistema alfabético de escrita, ou seja, envolve o aprendizado sobre como letras, sons e palavras se conectam. Por outro lado, o letramento está relacionado ao uso prático da leitura e da escrita em diversos contextos do dia a dia. Portanto, alfabetizar não se resume a ensinar a decifrar palavras; é fundamental permitir que a criança entenda, interprete e utilize a escrita de maneira relevante em situações de comunicação reais. Na esfera socioemocional, a aprendizagem da leitura e escrita na idade adequada reforça a autovalorização, a independência e a segurança da criança em sua habilidade de adquirir conhecimento. Ao adquirir habilidades que permitem ler, escrever e entender diversas interações, o aluno amplia seu envolvimento nas tarefas escolares e sociais, se tornando mais autônomo na formação do saber.

Conforme Magda Soares (2017, 2020), alfabetização e letramento devem acontecer de maneira integrada, pois aprender a ler e escrever exige tanto a compreensão do código escrito quanto a habilidade de aplicar essas competências nas práticas sociais. Para a autora, "alfabetizar letrando" implica proporcionar às crianças a chance de aprender o sistema de escrita enquanto se envolvem em atividades como leitura, produção escrita, interpretação de textos e o contato com vários tipos textuais.

Nesse entendimento, Emília Ferreira e Ana Teberosky (1999) evidenciam que a criança é um agente ativo na construção de seu aprendizado e formula suposições sobre a escrita antes mesmo de entrar na escola. Assim, a alfabetização deve levar em conta os conhecimentos já existentes dos alunos

e criar experiências que incentivem a reflexão sobre a língua escrita, respeitando o tempo e as fases de aprendizado de cada criança.

O desenvolvimento contínuo da alfabetização e do letramento fortalece positivamente as habilidades cognitivas, linguísticas e sociais, promovendo a compreensão de textos, o pensamento crítico, a criatividade e a autonomia. Ao se envolver em experiências práticas de leitura e escrita, como ouvir contos, interpretar textos, elaborar bilhetes, listas, convites e escrever pequenos relatos, a criança aprende a importância social da língua escrita e desenvolve um maior interesse pela aprendizagem.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) apoia essa visão ao estipular que os processos de alfabetização devem estar conectados às atividades de linguagem, permitindo que os alunos tenham contato frequente com diferentes gêneros textuais, práticas de leitura, produção escrita e oralidade. Assim, a aprendizagem se torna mais significativa e ajuda a formar leitores e escritores competentes, que saibam usar a linguagem, em variados contextos sociais.

Além dos ganhos acadêmicos, o desenvolvimento simultâneo da alfabetização e do letramento ajuda a mitigar as desigualdades educacionais, fortalece a participação na sociedade e expande as oportunidades de aprendizado ao longo da vida. Crianças que entendem o valor da leitura e da escrita costumam demonstrar mais autonomia, superior desempenho escolar e facilidade em adquirir novos conhecimentos, se da escrita como um meio de aprender, se comunicar e se envolver ativamente na sociedade.

Assim, incentivar a alfabetização e o letramento de maneira unificada é um dos desafios mais significativos e, ao mesmo tempo, uma das responsabilidades centrais da instituição de ensino. É responsabilidade do docente, estruturar atividades pedagógicas que conectem o aprendizado do sistema de escrita a contextos reais de utilização da língua, promovendo um aprendizado relevante e ajudando na formação de cidadãos críticos, independentes e aptos a exercer sua cidadania de forma plena.

DESAFIOS DA ALFABETIZAÇÃO

Apesar dos progressos realizados por meio de políticas públicas focadas na alfabetização, ainda existem obstáculos significativos que impossibilitam a plena garantia do direito à educação para todas as crianças. Dentre esses obstáculos, ressaltam-se as desigualdades sociais, que afetam diretamente a possibilidade de acesso a uma educação de qualidade, as deficiências em infraestrutura e em recursos em diversas escolas, além da necessidade de investimentos constantes na formação inicial e continuada dos educadores.

Além disso, há a questão das lacunas de aprendizado, que podem prejudicar o desenvolvimento das capacidades de leitura e escrita, especialmente quando não são reconhecidas e monitoradas de forma precoce. Para agravar ainda mais essa situação, os efeitos da pandemia de COVID-19 intensificaram as dificuldades no processo de alfabetização na atualidade, devido à suspensão das aulas presenciais, às desigualdades no acesso às tecnologias digitais e às limitações que muitas famílias enfrentaram para acompanhar as atividades escolares. Diante deste contexto, é essencial

fortalecer as políticas públicas que incentivem a equidade educacional, garantam condições adequadas para o ensino e a aprendizagem e ofereçam suporte pedagógico contínuo às crianças que estão aprendendo a ler e escrever, ajudando para que todas possam desenvolver plenamente suas habilidades de leitura e escrita.

Contudo, é fundamental destacar que a alfabetização infantil inicial não deve ser confundida com a aceleração imprópria da educação formal. O processo deve respeitar as fases do crescimento infantil, valorizando as interações, os jogos, as vivências lúdicas e os variados ritmos de aprendizado. A Educação Infantil tem um papel essencial ao oferecer experiências que aprimoram a linguagem falada, a consciência fonológica, a coordenação motora, a curiosidade, a imaginação e a interação social, preparando as crianças para a alfabetização oficial nos primeiros anos do Ensino Fundamental.

A NEUROCIÊNCIA E A ALFABETIZAÇÃO

Os progressos na ciência, nas áreas de neurociências, psicologia cognitiva, linguística e psicopedagogia têm oferecido valiosas informações para entender os processos relacionados à aquisição da leitura e da escrita. Nas últimas décadas, pesquisas embasadas em dados científicos mostraram que se tornar alfabetizado resulta da interação de aspectos biológicos, cognitivos, linguísticos, emocionais, sociais e culturais, ressaltando que o aprendizado da leitura e da escrita não acontece de maneira natural, mas é dependente de um ensino estruturado e de abordagens pedagógicas cuidadosas.

A neurociência tem desempenhado um papel crucial ao elucidar como o cérebro assimila a leitura. Ao contrário da linguagem falada, que se desenvolve de modo natural através de interações sociais, a leitura e a escrita são habilidades culturais que necessitam de instrução. Segundo Dehaene (2012), o cérebro ajusta circuitos neurais que inicialmente são voltados para o processamento visual e linguístico, permitindo que ocorra o reconhecimento das letras, a ligação entre grafemas e fonemas, a decodificação de palavras e a interpretação de textos. Esse mecanismo é possível graças à neuroplasticidade, que nada mais é que a habilidade do cérebro de formar, reforçar e reconfigurar conexões neurais em resposta às vivências e estímulos recebidos.

A neuroplasticidade refere-se à habilidade do cérebro de estabelecer, reorganizar e fortalecer as sinapses entre os neurônios ao longo de sua existência. No que diz respeito à alfabetização em idades apropriadas, esse princípio indica que os anos iniciais da infância são particularmente propícios para aprimorar as competências de leitura e escrita.

Na fase infantil, a plasticidade do cérebro é acentuada, permitindo que as crianças adquiram conhecimento com maior facilidade através das experiências, da interação social e das estimulações proporcionadas pela família e pela escola. Quando uma criança é submetida ao processo de alfabetização no momento certo, geralmente até o fim do segundo ano do Ensino Fundamental, ela se beneficia dessa fase de intensa organização cerebral, aprimorando eficazmente habilidades como consciência fonológica, linguagem falada, memória, atenção e compreensão textual.

Nesse cenário, a pesquisa científica indica que os anos iniciais da infância são um momento particularmente propício para o crescimento das habilidades ligadas à leitura e escrita. Nessa etapa, a grande plasticidade do cérebro facilita e favorece a aquisição da consciência fonológica, o entendimento do princípio alfabético, a expansão do vocabulário, a memória de trabalho, a atenção e as funções executivas, capacidades vistas como essenciais para a proficiência em leitura e escrita (Cosenza; Guerra, 2011).

Além disso, a neuroplasticidade demonstra que o processo de alfabetização não é apenas uma questão de desenvolvimento biológico, mas também depende da qualidade das vivências de aprendizado a que o sujeito interage. Ambientes que promovem leitura, brincadeiras, diálogos, música e atividades que incitem a curiosidade fortalecem as associações neurais relacionadas à linguagem e favorecem o aprendizado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assegurar que a alfabetização ocorra na época adequada é um dever social, educacional e político. As pesquisas examinadas indicam que o aprendizado de ler e escrever estão intimamente relacionados à combinação de conhecimentos científicos, métodos de ensino eficazes e políticas públicas sólidas que permitam o desenvolvimento pleno das crianças, servindo como um dos principais alicerces para a continuidade de sua jornada escolar.

Garantir que a alfabetização seja feita corretamente nos primeiros anos do Ensino Fundamental, onde já foi apontado que os alunos têm melhores condições para entender, analisar e criar variadas e efetivas aprendizagens, além de adquirir habilidades essenciais para aprender em outras disciplinas, assim, temos que encarar a alfabetização como uma jornada de exploração e criação possibilitando ao educador facilitar a aprendizagem de uma maneira mais atenta, levando em conta os variados tempos e as suposições que cada estudante elabora. Assim, a abordagem educacional deve proporcionar um espaço cheio de textos e de trocas, que fomente o interesse e a vontade de entender e gerar significados através da escrita.

A alfabetização é um dos fundamentos da educação básica e está diretamente ligada à eficácia das metodologias de ensino utilizadas pelos educadores. Dentro desse cenário, a formação contínua não é apenas uma forma de aprimoramento, mas sim uma necessidade vital.

A falta de iniciativas permanentes para o aprimoramento profissional limita o trabalho dos professores, dificulta a aplicação de novas metodologias e prejudica o progresso na aprendizagem dos alunos. Em contrapartida, educadores que se envolvem em processos formativos regulares expandem seus conhecimentos, aprimoram suas práticas de ensino e estão mais bem preparados para lidar com os desafios da alfabetização atual.

Portanto, alocar recursos na formação contínua é um investimento na qualidade da educação, na diminuição das desigualdades no ensino e na garantia do direito de todas as crianças a serem alfabetizadas na idade apropriada.

Dessa forma, incentivar a leitura e escrita na idade adequada implica garantir condições de aprendizado que possibilitem o crescimento completo das crianças, ajudando a diminuir as disparidades na educação e a formar indivíduos pensantes, independentes e engajados, cientes de seu papel na sociedade. Conclui-se que investir no aprendizado da leitura e escrita na idade apropriada é uma forma de fomentar o desenvolvimento integral da criança, fortalecer sua trajetória acadêmica e aumentar suas chances de engajamento social, cidadania e aprendizado ao longo da vida.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional**.
- BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Brasília: MEC, 2018.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Compromisso Nacional Criança Alfabetizada**. Brasília: MEC, 2023.
- COSENZA, Ramon M.; GUERRA, Leonor B. **Neurociência e educação: como o cérebro aprende**. Porto Alegre: Artmed, 2011.
- DEHAENE, Stanislas. **Os neurônios da leitura: como a ciência explica a nossa capacidade de ler**. Porto Alegre: Penso, 2012.
- FERREIRO, Emília; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da Língua Escrita**. Porto Alegre: Artmed, 1999.
- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**. São Paulo: Cortez, 1989.
- MORAIS, José. **A arte de ler**. São Paulo: Editora UNESP, 2013.
- NÓVOA, António. **Os professores e a sua formação**. Lisboa: Dom Quixote, 1992.
- SOARES, Magda. **Alfabetização: a questão dos métodos**. São Paulo: Contexto, 2020.
- SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.
- VYGOTSKY, Lev S. **A formação social da mente**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.